

**“50 ANOS DE ANGICOS:
MEMÓRIA PRESENTE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS”**

“40 horas de Angicos: alguns ensinamentos de seus “coautores”

Francisco Canindé da Silva¹ – UFRN

Marisa Narcizo Sampaio² – UFRN

Se nada ficar destas páginas, algo, pelo menos, esperamos que permaneça: nossa confiança no povo. Nossa fé nos homens e na criação de um mundo em que seja menos difícil amar. (Paulo Freire)

As 40 horas de Angicos, experiência de alfabetização com jovens e adultos no sertão nordestino, é atualmente, uma das mais revisitadas por estudiosos, pesquisadores e educadores vinculados às concepções democratizantes e emancipatórias de educação. Nunca em tão pouco tempo se vivenciou/criou/reinventou uma proposta de alfabetização que reunisse desejo político, vontade pedagógica e realidade objetiva e subjetiva com um grupo de pessoas, que até então não disponibilizavam deste recurso tecnológico da sociedade letrada – os sistemas alfabéticos, sistemas, porque compreendemos que seus usos oscilam entre seus praticantes. Essa experiência, embora ocorrida num curto período de tempo, esteve, desde seu princípio, carregada de muitas significações, mas intensificou-se em outros espaços/lugares, para além da pacata cidade nordestina – Angicos. Sua grandiosidade política e epistemológica ganha contornos de uma filosofia da educação genuinamente brasileira, com o conjunto da obra de seu idealizador, o pernambucano Paulo Freire (1921-1997). O que hoje sabemos/estudamos/interpretamos e criticamente denominamos de pensamento freireano foi intensamente colocado em prática com 300 homens e mulheres, trabalhadores nordestinos desprovidos do processo formal de alfabetização aprenderam mesmo que timidamente, a fazer uso legítimo de suas vozes sob a orientação de um grupo de estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, coordenado pelo próprio Freire.

A experiência das 40 horas de Angicos não é unicamente uma projeção didático-metodológica, que por força das circunstâncias sociais obteve êxito. Se assim fosse, teríamos uma memória fragilizada e/ou pouco lembrada por todos nós, educadores e

¹ Professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e pesquisador do Núcleo de Referência em História e Memória da Educação de Jovens e Adultos e da educação Popular no Rio Grande do Norte – NUHMEJA.

² Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e pesquisadora do Núcleo de Referência em História e Memória da Educação de Jovens e Adultos e da educação Popular no Rio Grande do Norte – NUHMEJA.

educadoras brasileiros/as e internacionais, contrariamente (e o uso aqui de contrário, tem o sentido filosófico marxista de antagonismo), essa experiência, após 50 anos, não continuaria provocando referências, visitas e memórias, as mais diversas e diferentes possíveis. A profecia ontológica empreendida por Freire nesta experiência dilacerou tanto os moldes operacionais de alfabetização convencionados na época, que até hoje são referência para projetos de alfabetização, escolarização e formação de pessoas jovens e adultas em todo o território brasileiro e em outros países de todo o mundo. Mas, fazer uso dessa experiência, além do dito nos textos teorizados que circulam nos meios acadêmicos na atualidade, é poder embrenhar-se na atividade de memória, participando de dentro, por dentro e desde dentro (FREIRE, 1982) no/do lugar onde se materializou o ideário. Angicos, cidade brejeira, mas não menos importante que as grandes metrópoles, é um celeiro freireano, pois lá, onde a cigarra zini no pingaço do meio dia, numa temperatura de mais de 40 graus, residem muitos dos educandos e educandas que efetivamente fizeram parte desta história de emancipação. Freire e toda sua equipe autorizaram por meio de um projeto de alfabetização realmente comprometido com uma classe menos favorecida, que Severino, Francisca, Paulo, Maria, Luzia, Valdenice, Idália e tantos outros pudessem sem amarras falar e escrever a vida de outros jeitos, do lugar de quem pensa e não somente é pensado.

É nesta perspectiva que se inscreve esse trabalho na 37ª Reunião da Anped. Nossa ideia é presentificar a experiência, partindo do lugar e dos homens e mulheres que hoje bem mais experienciados e de vista curta – como costumeiramente se diz no Nordeste para os mais idosos – em sua maioria, ainda falam/dizem da alegria de ter aprendido a ler e escrever a partir dessa experiência.

“50 anos de Angicos – memória presente na educação de jovens e adultos” é, em nossa compreensão, o título que pode traduzir as memórias de uma experiência que tanto ecoa, inquieta e impulsiona alfabetizadores e educadores de jovens e adultos na busca de uma prática pedagógica inclusiva, significativa e democrática. Dos lugares ordinários onde habitavam e habitam os homens e mulheres alfabetizados em 40 horas encontramos vozes inusitadas, preces de vida verdadeira e, contrariamente aos cânones dos moldes de investigar a realidade, trazemo-las como “primeiras”, compreendendo que só falamos significativamente, daquilo que conhecemos. Os coordenadores e coordenadoras, educandos e educandas das 40 horas, após 50 anos ainda são para nós, o que de mais vivo e

exitoso existe na memória da Educação de Jovens e Adultos em nosso país, a partir dos princípios freireanos.

Já no que se refere ao subtítulo, sua invenção deu-se a partir das nossas aproximações com alguns dos sujeitos desse momento/processo histórico que se autodenominam assim: coautores e coautoras desta experiência, assumindo-a mesmo como experiência que foi todo o tempo construída pelos coordenadores e coordenadoras dos círculos de cultura, pelos educandos e educandas e por Paulo Freire. Outro aspecto que respalda este trabalho e, talvez o de maior relevo na discussão, é o sentimento encarnado de pertencimento a uma região em que viveram e ainda vivem os silenciamentos da colonização desenfreada em nosso país, mas que soube pelas “cabeças bem-feitas” (MORIN, 2010) invencionar um projeto de alfabetização para e com as pessoas jovens e adultas, distante dos ideais cartesianos de ser humano, sociedade e educação, como temos visto muito frequentemente nos espaços formais de educação.

Encomendado pelo GT 18 (Educação de Jovens e Adultos) da Anped, este trabalho propõe trazer a esse grupo que discute, reflexiona e encaminha políticas e práticas pedagógicas na Educação de Jovens e Adultos uma releitura da experiência, ou, porque não dizer, uma leitura de um mundo onde em 40 horas foi possível alfabetizar subvertendo a lógica e o estreitamento de métodos, concepções e relações hegemônicas de educação. Relembrar os 50 anos desta experiência não é apenas um marco histórico, e sim uma necessidade social e educativa urgente de enfrentamento ao analfabetismo e baixa escolaridade de nossos jovens e adultos ainda hoje. Ora, se foi possível naqueles contextos e idos dos anos 1960 esse rompimento paradigmático em uma cidade extremamente desesperançada, acreditamos que os princípios que orientaram as 40 horas podem ainda suscitar em nós esse desejo, vontade e necessidade de marchas, lutas, criações de ações de alfabetização, escolarização e educação libertadoras.

O subtítulo “40 horas de Angicos: alguns ensinamentos de seus coautores” expressa o “espírito” que encarnamos para contar um pouco sobre este trabalho cinquentenário que produziu tanta influência no pensamento pedagógico, estudos, pesquisas, teses, dissertações, tanto “falar sobre”. Neste espaço/tempo pretendemos “falar com”, tendo como companheiros de mesa estes coautores, virtualmente presentes aqui, protagonistas daquele momento, que encontramos durante o trabalho de tessitura de um mosaico que realizamos no Núcleo de Referência em História e Memória da Educação de Jovens e Adultos e da Educação Popular no Rio Grande do Norte.

Propomos um reencontro com as memórias desta experiência político-pedagógica de alfabetização que, com sua comemoração cinquentenária contribui para situar Paulo Freire em seu lugar de direito no cenário da educação brasileira, muitas vezes negado ou ignorado, por preconceito, desconhecimento. Para Angicos estavam previstas apenas quarentas horas de alfabetização inicial, mas esta experiência, foi considerada por Freire como oportunidade de testar uma proposta maior, de um sistema educativo que começava na alfabetização e abrangia outros níveis. Por esta proposta e pelo conjunto de sua obra ele passou a ser reconhecido mundialmente como educador que critica a educação tradicional e propõe sua transformação baseada nos princípios da valorização do conhecimento dos alunos e do diálogo como forma de relação entre as pessoas. Dessa forma consiste em marco do pensamento freireano e se insere no contexto histórico dos anos 1950/1960 de mobilizações populares sociais, políticas e culturais, tendo o Nordeste do país como cenário, uma das regiões politicamente mais efervescentes à época, e também de muita limitação em relação aos processos de alfabetização e escolarização, especialmente a pessoas jovens e adultas. Reencontrar os homens e mulheres, coordenadores e coordenadoras dos círculos de cultura e educandas e suas muitas memórias tecidas com o educador brasileiro, reconhecido internacionalmente é, no mínimo, engravidar-se, como o próprio Freire diz em sua obra, de novos desejos emancipatórios, desejo de igualdade social e produção de existência digna.

Trataremos desta história usando (no sentido certeuniano) a memória destes coautores, rememorando por meio das vozes de seus praticantes os contextos, espaços/tempos/lugares, propostas e práticas anunciadores de um projeto de educação libertador e emancipatório. O texto está organizado de maneira que apresenta inicialmente a origem e o contexto de elaboração deste trabalho, seguido da caracterização da conjuntura histórica e geográfica (cidade de Angicos) em que a experiência acontece. Contamos também quem são os aqui chamados coautores desta experiência e discutimos seu cotidiano pedagógico a partir de suas próprias narrativas. Por fim, apresentamos os desdobramentos e repercussões deste movimento.

Os pesquisadores e os lugares/espacos/tempos das pesquisas no contexto do NUHMEJA/RN

O Núcleo de Referência em História e Memória da Educação de Jovens e Adultos e da Educação Popular no Rio Grande do Norte – NUHMEJA – nasceu a partir da conjugação de dois acontecimentos, um interno e um externo. Internamente, o Núcleo de Pesquisa e Extensão em Educação de Jovens e Adultos da UFRN – NUPEEJA – realizou a Exposição de Material Didático em EJA durante o I Simpósio Nacional sobre Materiais Didáticos e Literários da Educação de Jovens e Adultos, acontecido em Natal no ano de 2009. Os pesquisadores envolvidos neste Núcleo reuniram-se para localizar e organizar materiais diversos (livros e outros materiais impressos, vídeos, fitas de áudio, fotografias etc.) utilizados em projetos de Educação de Jovens e Adultos – EJA – e Educação Popular no estado e, estimulados pela riqueza do material reunido, elaboraram um projeto de pesquisa e extensão para dar continuidade a este trabalho encaminhado à então SECAD/MEC em dezembro do mesmo ano. A chegada à SECAD deste projeto coincidiu com iniciativas de outras universidades e dos Fóruns de EJA que tinham a mesma intenção e, em maio de 2010, esta Secretaria apresentou a várias universidades a proposta de criação de núcleos de referência em memória da EJA organizados em centros regionais. No Rio Grande do Norte o trabalho iniciou no segundo semestre deste mesmo ano em parceria com a UERN e atualmente a UFERSA é também nossa parceira.

Nos dias atuais, em que vivemos a necessidade de ressignificar a Educação de Jovens e Adultos, enfatizando seu caráter popular e ao mesmo tempo impulsionando as possibilidades de educação ao longo da vida para todos, o Núcleo de História e Memória da EJA do RN visa contribuir para a reconstituição dessa trajetória, possibilitando recuperar e divulgar seu legado histórico nos diversos âmbitos da esfera social e educacional. Para isso recolhemos materiais didáticos, vídeos, documentos, fotografias, produções científicas e de divulgação para digitalização; registramos em áudio e vídeo fragmentos da memória em narrativas orais das pessoas que participaram ou registraram a história da EJA e da Educação Popular; organizamos e disponibilizamos, por meio de página eletrônica, esses materiais, documentos, depoimentos que registram a história da EJA e da Educação Popular no RN, contribuindo para a preservação da memória e para a fruição, difusão e utilização mais ampla do conhecimento científico e cultural deste campo, com a intenção de atingir uma quantidade maior de pessoas interessadas nessa temática. Pesquisamos documentação no acervo da arquidiocese de Natal, no acervo do próprio Núcleo de EJA, catalogamos monografias, dissertações e teses sobre EJA para proporcionar acesso a todos os pesquisadores, professores e pessoas hoje interessadas no

tema, por meio de uma página eletrônica. Com o material levantado, organizado e disponibilizado por nós pretendemos também favorecer e viabilizar pesquisas e estudos sobre a educação e, particularmente, sobre a Educação de Jovens e Adultos e Educação Popular que se fundamentem na participação dos envolvidos na EJA e na Educação Popular; sensibilizar e implantar a cultura da preservação da memória, instigando o envolvimento de todos os que, de alguma maneira, participem ou participaram desta trajetória abrindo vias para a produção e acesso a um conhecimento que tem como fonte a sua realidade.

Acreditamos que recuperar história, tomá-la nas mãos para saber o que já fizemos, o que está na nossa raiz, conhecermos do que fomos e somos capazes, contribui para lidar com a difícil situação educacional que perdura até hoje, especialmente no contexto da Educação de Jovens e Adultos, área muito fragilizada pelas políticas públicas em nosso país, mas extremamente fértil de possibilidades, complexidades e retomadas.

A página eletrônica (www.nuhmeja.ce.ufrn/nuhmeja) tem a intenção de servir de ponte para todos os que se interessam em conhecer e estudar a história, a literatura, e assuntos relevantes à temática, de maneira a contribuir com o acesso a fontes e o desenvolvimento de estudos sobre a Educação Popular e Educação de Jovens e Adultos no RN. Um instrumento para quem quer contar e para quem quer fazer a história.

Vimos optando por um enfoque metodológico baseado no paradigma indiciário (Ginzburg, 1989) que nos ajuda a construir uma organização dos materiais e depoimentos coletados para página eletrônica, partindo da ideia de que com os fragmentos produzidos conseguimos constituir um mosaico a ser utilizado por outros pesquisadores. Ginzburg (1989) nos ensina a viver nosso “ofício de conhecedor” (p.179) na medida em que nos fragmentos das memórias narradas percebemos sinais que nos ajudam a ler o meio em que estamos inseridos e o cenário dos acontecimentos, e assim contribui para notarmos que todos os sinais são válidos nesta pesquisa, já que seu objetivo maior é (re)construir a memória da Educação de Jovens e Adultos e da Educação Popular, registrando, preservando e divulgando um acervo para servir a outros pesquisadores. É desse lugar que falamos hoje, de pesquisadores que entregam novas peças a outros pesquisadores para tentarmos formar/preencher um pouco mais o nosso mosaico. O trabalho do Núcleo tem se pautado na ideia de dar voz aos sujeitos destas experiências e nesta apresentação vamos fazer um diálogo com eles, contar o que aprendemos conversando com eles.

As peças que trazemos aqui foram produzidas com base nas falas dos protagonistas e coautores da experiência, gravadas em suas casas no segundo semestre de 2012, no caso das educandas, e no primeiro semestre de 2013, no caso dos coordenadores e coordenadoras de círculos de cultura, seguindo um roteiro aberto, previamente definido pelo grupo e com a participação de distintos membros do Núcleo. Entrevistamos ainda Francisco Alves da Costa Sobrinho, pesquisador do Núcleo, jornalista e militante político e cultural em Natal desde aqueles tempos. Além das entrevistas, consideramos também para elaboração deste trabalho, o discurso proferido pela coordenadora de círculo Valquíria Silva e a palestra ministrada pelo também coordenador de círculo Marcos Guerra, durante as comemorações do cinquentenário.

As entrevistas foram feitas com as alunas da experiência Francisca de França Germano; Idália Marrocos da Silva; Luzia de Andrade; Maria Eneide de Araújo Melo; Maria Luzia da Silva Andrade; Maria Miranda Gomes; Maria Pequena de Souza; Valdice Ivonete da Costa Santos; Zélia Irene da Silva. E com o coordenador de círculos de cultura Pedro Neves Cavalcante e as coordenadoras Lenira Leite Matos da Costa, Rosalí Maria Liberato Cavalcante e Dilma Ferreira Lima. Pedro e Rosalí, noivos em 1963 e hoje casados, foram entrevistados juntos na varanda de sua casa em Natal. As entrevistas que realizamos seguiram uma dinâmica menos rígida e controlada de perguntas e respostas, pois tentamos empreender o que Thompson (1992) descreve como “uma ‘conversa’ livre em que a ‘pessoa’, o ‘portador-de-tradição’, a ‘testemunha’, ou o ‘narrador’ é ‘convidado a falar’ sobre um assunto de interesse comum (THOMPSON, 1992, p. 255).

Os roteiros elaborados funcionavam como orientadores do diálogo, levantando tópicos que considerávamos importantes que os entrevistados abordassem, deixando-os à vontade para que ordenassem e dessem destaque ao que julgassem mais conveniente. Com o estudo de Thompson (1992) entendemos que quanto menos a narrativa for moldada pelas perguntas do entrevistador, melhor, mas também que a entrevista completamente livre não pode existir. Por isso explicávamos o objetivo da conversa e tínhamos como pergunta inicial o pedido que contassem como essa experiência entrou em sua vida. Outros temas que levantávamos se referiam ao contexto político-social da época; ao cotidiano pedagógico da experiência; e de como ela marcou a vida de cada um.

Todos os entrevistados e entrevistadas, por meio de suas narrativas apontam para a coerência político-pedagógica adotada por Freire, no sentido de alfabetizar para a consciência e existencialização de homem no mundo e com o mundo. Observamos que tanto

as educandas como os coordenadores e coordenadoras dos círculos, cada um a seu modo singular, destacam a **leitura de mundo** como o primeiro momento de articulação do processo de alfabetização. Nas vozes de Francisca de França, Idália Marrocos da Silva e Luzia de Andrade (educandas) e de Lenira Leite Matos da Costa, Pedro Neves Cavalcante e Rosalí Maria Liberato Cavalcante (coordenador e coordenadoras) percebemos em seus relatos emocionados de quando no bairro Alto da Alegria, se fazia o anúncio das aulas, das conversas ainda assustadas entre alunos e coordenadores. Os anúncios ocorriam por meio de um processo dialógico, nas calçadas, ruas empoeiradas, caminhos íngremes e ornamentados timidamente pelos xique-xique e gravetos secos de velames próprios daquela região.

As entrevistas não só aproximaram pesquisadores/as e pesquisados/as, pois não cremos nesta distinção, mas nos colocaram dentro de uma situação histórica muito singular, própria de quem diz da forma como vivenciou e hoje relata da forma como aprendeu/compreendeu. “História de um homem é sempre mal contada. Porque a pessoa é, em todo tempo, ainda nascente” (COUTO, 2013, p. 29).

Percebemos nas memórias dos sujeitos com quem conversamos um forte atravessamento da memória coletiva (HALBWACHS, 1990) em que os indivíduos incorporam os conhecimentos sobre sua comunidade e seu espaço social, e, dessa forma, compreendem o seu desenvolvimento no contexto histórico. Os saberes constituídos pela memória sociocultural não são apenas recordações, mas uma fusão de experiências na retomada de uma memória social comunitária que permite aos seus integrantes conceberem-se como integrantes de uma sociedade que se transforma em conjunto. A memória social é um marco que estabelece um vínculo com o passado, como lugar de passagem obrigatório de toda reflexão sobre nossa relação com o tempo e o conhecimento, e a possibilidade de construção do futuro. Para Halbwachs (1990) “as lembranças podem se organizar de duas maneiras: tanto se agrupando em torno de uma determinada pessoa, que as vê dentro do seu ponto de vista, como se distribuindo dentro de uma sociedade grande ou pequena, da qual são imagens parciais” (p.71). Pensamos que nosso papel de pesquisadores e organizadores das descobertas no Núcleo é registrar essas memórias individuais para compartilhá-las com a sociedade, de maneira que elas também passem a constituir o que é a memória coletiva a respeito da EJA e da Educação Popular, muitas vezes formada por discursos oficiais que não ouviram seus praticantes.

Recuperar e avivar a memória não nos serve para ficar no passado, pensando no que passou, mas ressaltar sua importância na constituição do que somos hoje e para fazer a ponte com o presente e com o futuro, ensinando-nos, contribuindo com nossas produções atuais (LE GOFF, 1996).

Neste sentido, o Núcleo de História e Memória da Educação de Jovens e Adultos do RN vem desenvolvendo um trabalho que tenta recuperar as memórias silenciadas, retirando cuidadosamente a poeira do tempo que segregou muitas experiências reais de educação democratizante e emancipatória. Esse trabalho tem ativado “o sonho do tempo em que tenhamos entre nós uma educação popular que amplie muitas vezes, em abrangência e poder, essas poucas, mas tão esperançosamente crescentes experiências de trabalho pedagógico” (BRANDÃO, 1986). Sobre estas experiências, o NUHMEJA no Rio Grande do Norte já disponibiliza documentos que revelam a memória através de depoimentos gravados em vídeo com alunos, coordenadores, professores, além de materiais utilizados na “Campanha De Pé no Chão Também se Aprende a Ler”. Uma outra frente de trabalho vem sendo realizado em parceria com a Arquidiocese de Natal, no qual identificamos os documentos relativos à EJA no seu acervo sobre MEB – Movimento de Educação de Base; o SAR – Serviço de Assistência Rural; as Escolas Radiofônicas no RN. São quase três anos de intenso trabalho no rastilho das memórias que envolvem a Educação de Jovens e Adultos e da Educação Popular no estado do Rio Grande do Norte. Nestas buscas se entrecruzam outros achados, pessoas, acontecimentos, lugares e situações que ajudam na constituição do mosaico da memória.

Nos limites deste trabalho seria impossível e indesejável relacionar todas as experiências e tudo que já conseguimos disponibilizar enquanto acervo de acesso público, mas conhecer estas outras experiências também nos ajudou a compreender o contexto em que as quarenta horas foram produzidas.

Contextos Emancipatórios – subversões e intenções de uma proposta educativa afinada com seu tempo

O Rio Grande do Norte foi um campo fértil de iniciativas de Educação de Jovens e Adultos e Educação Popular já a partir dos anos 1940. O chamado “Movimento de Natal”³ da igreja católica impulsionou organizações populares e ações sociais em diferentes áreas, contribuindo para a mobilização de vários setores, principalmente a juventude, na luta por melhores condições de vida. O estado fervilhava, mas não era o único, nem os acontecimentos se davam apenas pela ação da igreja católica. Muitas outras iniciativas eram realizadas por militantes e simpatizantes do Partido Comunista e suas ramificações; por estudantes da União Nacional dos Estudantes e das Uniões Estaduais, Centros Acadêmicos de diversas Faculdades, movimentos sindicais e de educação e cultura popular (SILVA, 2013). O contexto sociopolítico do final dos anos 1950 e início dos 1960, de embates sobre os rumos do país, contribuiu para o aguçamento de mobilizações sociais, lutas e reivindicações, entre elas a da expansão de uma educação voltada para as camadas populares. Estava posta a necessidade de se “politizar” a defesa do direito de todos à educação, mobilizando a sociedade nessa perspectiva, ao mesmo tempo em que se experimentavam propostas pedagógicas e metodológicas permeadas desse sentimento democrático e de superação das desigualdades sociais. Nesse caldo cultural e político, mergulhado neste ambiente em que ocorrem experiências pioneiras no campo do que mais tarde convencionou-se chamar Educação Popular e que hoje ainda inspiram as práticas pedagógicas mais progressistas no campo da educação, se insere o pensamento de Paulo Freire.

O mundo vivia os tempos da guerra fria, a forte contraposição entre o “bloco imperialista” liderado pelos Estados Unidos em plena expansão dominadora e o chamado “bloco socialista”, liderado pela União Soviética, com a participação também da China de *Mao Tsé-Tung*. Havia ainda a revolução cubana e logo a invasão desse país, o bloqueio econômico, social e cultural, etc. Essa disputa de poder era também uma disputa econômica na qual a América Latina se configurava objeto de cobiça. As grandes potências precisavam expandir seus mercados e no Brasil isso vinha acontecendo principalmente a

³ Assim ficou conhecido um conjunto de ações da igreja católica realizadas entre os anos 1930 e 1960 compostas de incentivo ao cooperativismo; imprensa; tentativas de organização do caos urbano provocado em Natal pela saída do exército estadunidense após a 2ª guerra; criação do SAR (Serviço de Assistência Rural); organização de grupos juvenis conforme metodologia francesa/belga: JAC (Juventude Agrária Católica), JEC (Estudantil), JIC (Independente), JOC (Operária), JUC (Universitária); escolas radiofônicas; MEB (alfabetização); entre outras (LUCENA, 2012). O Movimento de Natal, liderado por D. Eugênio Sales, também defendia a sindicalização dos trabalhadores do campo, tentando evitar que as forças de esquerda liderasse esta ação como vinha acontecendo em outros estados da região (AZEVEDO, 2013).

partir do governo de Juscelino Kubitschek que chegou à presidência da república com a bandeira de fazer “cinquenta anos em cinco”, pregando a modernização social e econômica, tentando inserir o Brasil no cenário internacional por via do capitalismo. O impulso desenvolvimentista gerou também oposições, as contradições da sociedade começaram a se aguçar, os movimentos sociais começaram a se organizar e se pronunciar no sentido de propor uma sociedade que beneficiasse toda a população e fosse cada vez mais democrática.

A campanha presidencial de 1960, expressa a polarização da sociedade brasileira em duas forças opostas União Democrática Nacional (UDN) e Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), e nela Natal manteve a tradição que a fez conhecida como “Moscouzinha” (porque os comunistas depuseram o governo e assumiram o estado na década de 1930 durante três dias), elegendo a chapa completa do PTB, derrotada em nível nacional e considerada mais à esquerda (COSTA SOBRINHO, 2013).

Por outro lado, Natal também tinha sido o “trampolim da vitória”, cidade de localização estratégica que sediou as tropas estadunidenses durante a segunda guerra mundial, em função de um acordo com o então presidente Getúlio Vargas. Durante este período a cidade cresceu rapidamente em construções (bases militares do exército, marinha e aeronáutica presentes até hoje) e população (soldados estadunidenses, artistas de *Hollywood* que vinham entreter as tropas e migrantes do interior).

Entre “Moscouzinha” e “trampolim da vitória”, na década de 1960 Natal tinha na vida política dois líderes. De um lado Aluizio Alves (governador nascido em Angicos que convidou Paulo Freire para a experiência), eleito em 1960, rompendo com uma oligarquia comandada pelo antigo governador Dinarte Mariz, e aliado político de Carlos Lacerda. De outro Djalma Maranhão, prefeito de Natal que representava as forças progressistas do Rio Grande do Norte, sob a bandeira de luta contra o Estado Novo e o fascismo. Nas eleições para governador previstas e que não aconteceram por causa da ditadura militar, estes dois líderes se enfrentariam como opositores.

Costa Sobrinho (2013) traça um paralelo entre os acontecimentos políticos em Pernambuco e Recife com o que aconteceu no Rio Grande do Norte e em Natal no momento em que Pelópidas Silveira foi governador em Pernambuco e Dinarte Mariz governador no RN e ambos foram superados por aqueles que poderiam ser seus sucessores, políticos que passaram a representar nestes estados o projeto nacional desenvolvimentista de parte das elites brasileiras. Em Pernambuco Cid Sampaio se coloca como candidato ao

governo, vindo das oligarquias da cana de açúcar, mas com um discurso modernização da sociedade com a construção de fábricas e transformação no campo. Aluízio Alves também chega à Natal, voltando do Rio de Janeiro, com a mesma bandeira de trazer para o Rio Grande do Norte o desenvolvimento econômico e social, a construção de fábricas, a modernização do campo, rompendo com as oligarquias locais e a política coronelista de Dinarte Mariz. Em paralelo, Miguel Arraes na prefeitura de Recife e Djalma Maranhão na prefeitura de Natal, apresentavam discursos muito parecidos, ambos apoiados pelas forças de esquerda e ligados aos movimentos populares e que, ao chegar às prefeituras logo promoveram ações na área da educação. Em Recife Miguel Arraes dribla os poucos recursos financeiros mobilizando funcionários da prefeitura, estudantes universitários e secundaristas para trabalhar voluntariamente com a educação e é criado, em 1961, o Movimento de Cultura Popular – MCP. Em Natal Djalma Maranhão, o Secretário da Educação Prof. Moacyr de Góes e a participação popular criam a Campanha “De Pé no Chão Também Se Aprende a Ler” também em 1961. Ambos prefeitos passam a representar ameaça política para a continuidade no poder dos governadores (COSTA SOBRINHO, 2013).

Aluízio Alves, governador que decidiu realizar o projeto de alfabetização de adultos, sua terra natal, pode ser caracterizado como um político de atuação ambígua. Para eleger-se governador, se opôs às oligarquias locais com a intenção de substituí-las, apresentando-se como “protetor” dos menos favorecidos, empreendendo ações assistencialistas que visavam reduzir a pobreza na tentativa de evitar a expansão dos movimentos sociais reivindicatórios que eclodiam na região naquela época. Este caráter ambíguo manifestou-se durante o governo de João Goulart quando tinha atitudes veladas de apoio ao presidente, mas também fazia parte dos governadores que se aproximavam do governo estadunidense, reforçando seu desejo de desestabilizar a democracia brasileira financiando ações como a Aliança Para o Progresso. (AZEVEDO, 2013).

O projeto desenvolvimentista de Aluízio Alves se concretiza com planejamento das ações governamentais e contratação de técnicos de diversas áreas para tomar a frente. Para a educação é convidado o jornalista Francisco Calazans Fernandes com a missão de implantar um programa para a educação que entre outras ações previa a alfabetização de 100.000 adultos no estado. Foi Calazans Fernandes quem convidou Paulo Freire para realizar este trabalho grandioso para a época, através de contatos em Pernambuco que

relatavam o trabalho que ele e a equipe do Serviço de Extensão Cultural – SEC – da Universidade do Recife, hoje UFPE vinham realizando em projetos piloto de alfabetização.

O valor do financiamento enviado pela Aliança para o Progresso era equivalente a um ano de arrecadação do Governo e para BURLAR o impedimento de uma contratação direta do estado com recursos externos, foi criado o Serviço Cooperativo de Educação do Rio Grande do Norte – SECERN – uma autarquia dirigida pelo secretário de educação que passou a ser o órgão responsável pela operacionalização das 40 horas de Angicos.

Para iniciar o programa a proposta era realizar uma experiência de alfabetização em 40h, em Angicos (cidade natal do governador e com alto índice de analfabetismo, tal como a maioria das cidades do interior nordestino na época), coordenada por Freire que aproveitou a oportunidade para ampliar o público atendido pela sua proposição político-pedagógica, mesmo que sob o financiamento do programa norteamericano Aliança para o Progresso. Ele exigiu e obteve, por parte do Governador, a garantia de não haver interferência político-ideológica dos políticos locais (da região de Angicos) e da própria Aliança para o Progresso.

Quando a experiência aconteceu, a realidade geográfica, política, econômica, cultural e educacional em Angicos era árida e pouco desenvolvida, infelizmente não muito diferente do que é hoje. No ano de 1960, segundo recenseamento geral registrado por Lyra (1996), a cidade tinha aproximadamente 9.542 habitantes e para esta população dispunha-se apenas de dois grupos escolares. Neste período o número de analfabetos, segundo Lobo (1963) era de aproximadamente 75% (setenta e cinco por cento).

Localizada a 156 km da capital do Rio Grande do Norte, a cidade de Angicos, possui 11.549 habitantes, de acordo com o Censo 2010 do IBGE. Predominantemente rural a população sobrevive da agricultura e pesca, mas tem outras fontes de renda, tais como: serviços de comércio e em instituição pública. Situada em uma região bastante quente, seus moradores conhecem bem a escassez de água e dos produtos primários dela derivados. No aspecto referente à educação o município dispõe de uma escola com Ensino Médio, pertencente a rede estadual e oito de Ensino Fundamental, sendo três da rede estadual e cinco municipais. No ensino superior a cidade conta com a Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA). Embora iniciativas tenham sido tomadas ao longo destes 50 anos, o município contava com 32,9% de analfabetismo entre pessoas com 15 anos ou mais, segundo Indicadores do Censo Demográfico (INEP, 2000) e em 2010, segundo o censo do

IBGE, 54,14% das pessoas de 10 anos ou mais de idade, foram caracterizadas como sem instrução e ensino fundamental incompleto .

O legado freireano em Angicos é uma grande lembrança de uma invenção da esperança. Angicos foi a cidade, terreno fértil, em que Paulo Freire praticou e aprimorou o que tinha idealizado, sendo base para reflexões e produções futuras, foi também o lugar onde encontrou o seu povo, suas raízes. Todo e qualquer educador que tenha de algum modo corrido as vistas na pedagogia freireana saberá desta sua experiência. Essa é a lembrança da qual estamos amorosamente, denominando de invenção da esperança. Invenção no sentido de tornar visível o que não se vê, de romper e estilhaçar configurações políticas e culturais de espaços gangrenados por modelos tradicionalistas de sociedade, ser humano e educação. Acreditamos que Freire tomado pelo sentimento de pertencimento a uma região entregue aos caprichos de oligarquias políticas partidárias, inquietou-se a ponto de parir junto com seus pares tão alargada experiência.

[...] é na prática de fazer, de falar, de pensar, de ter certos gostos, certos hábitos, que termino por me reconhecer de uma certa forma, coincidente com outras gentes como eu. Essas outras gentes têm corte de classe idêntico ou próximo do meu. É na prática de experimentarmos as diferenças que nos descobrimos como eus e tus. A rigor, é sempre o outro enquanto tu que me constitui como eu na medida em que eu, como tu do outro, o constituo como eu. (FREIRE, 1984, p. 96)

O sentimento de Freire em relação à cidade foi descrito por ele quando recebeu o título de cidadão angicano nas comemorações dos trinta anos da experiência das 40 horas: “em nenhum lugar do mundo em que estive me senti mais tocado do que aqui e agora”, frase que hoje fixada no portal da cidade de Angicos recebe a todos os que lá entram.

Coordenadores, coordenadoras e educandas: sujeitos singulares

Os coordenadores e coordenadoras dos círculos de cultura: jovens aprendizes andarilhos da cultura sertaneja

O ano de 1963 representou um marco histórico para a educação brasileira, por ter articulado política e pedagogicamente a alfabetização de jovens e adultos com base nas concepções educacionais de Paulo Freire, e sob sua orientação. De acordo com depoimentos dos coordenadores e coordenadoras dos círculos de cultura foi possível

perceber a abrangência política e a qualidade metodológica empreendida no esforço de alfabetizar jovens e adultos em um pequeno espaço de tempo. Em nosso entendimento, aqueles estudantes são, com Freire, naquelas circunstâncias, aprendizes, andarilhos da cultura sertaneja, sendo jovens universitários que se embrenharam na realidade objetiva e subjetiva de Angicos e do analfabetismo predominante, aprendendo com aquelas vozes, pessoas, estilos, culturas, limitações econômicas, linguagens próprias e compreensões de mundo, na maioria das vezes, conformistas e/ou amedrontadas. As aprendizagens ocorriam simultaneamente entre os jovens universitários e os homens e mulheres em processo inicial de alfabetização. Se por um lado tínhamos jovens aprendendo a exercer sua cidadania, educando, dialogando com um mundo real diferente em grande parte do seu próprio e das teorias acadêmicas (coordenadores e coordenadoras), de outro, tínhamos jovens já existenciados no mundo, contudo, sem o processo de letramento alfabético, tão necessário a sua sertania (educandos e educandas). Articular essa grande rede de potencialidades embrionárias parece um grande desafio, o que de fato foi, e continuando sendo. Todavia, numa outra urdidura da rede encontramos num educador também proveniente da realidade nordestina a coragem de professar um mundo menos feio, mais aberto, polifônico, justo e amoroso. Freire não pensou e realizou o projeto sozinho, seus sonhos eram tão corajosos que vocacionou outros tantos jovens a assumirem o desafio.

Em seu discurso de agradecimento à homenagem recebida na forma de título de cidadã angicana nas comemorações dos 50 anos das “40 horas”, a desembargadora aposentada e coordenadora de círculo de cultura Valquíria Félix Silva descrevia os coordenadores dos círculos de cultura como:

[...] jovens universitários, de diversas formações (filosofia, direito, pedagogia, farmácia, serviço social, medicina, jornalismo, odontologia, letras, etc.) e dois secundaristas de escola pública, Edilson Dias e Talvani Guedes, movidos por um forte idealismo que se revestia não só de boa vontade ou de teoria, mas, sobretudo, de capacidade para gerar ações conscientes, instigadoras e consequentes, apressados que éramos pelo muito que se tinha para ser, pensar e fazer (SILVA, 2013, p.2).

Ouvir palestras e discursos destes jovens de então, agora bastante maduros, e conversar com eles nos revelaram alguns indícios de que esta descrição não pode ser tomada como única para todos. Eram sim, todos estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e foram convidados para esta participação por Marcos Guerra, liderança do movimento estudantil na Faculdade de Direito da UFRN e filho do diretor desta Faculdade, Dr. Otto Guerra, conhecido intelectual em Natal ligado à Calazans

Fernandes, Secretário Estadual de Educação. Porém, suas narrativas nos ajudam a perceber a multiplicidade e a singularidade destes sujeitos que se engajaram voluntariamente nesta tarefa por motivos diversos. Um estudante secundarista e vinte de vários cursos universitários (Farmácia, Pedagogia, Direito, Serviço Social, Odontologia, Filosofia), os jovens se engajaram por seu envolvimento político e por idealismo, com a esperança de contribuir para profundas mudanças na sociedade, mas também por relações afetivas de amizade e namoro, como nos contaram as coordenadoras Lenira Leite e Rosalí Cavalcante.

Para a maioria, a participação nesta experiência foi uma lição de vida e oportunidade de muitas aprendizagens. Contam essa história com envolvimento pessoal e compromisso forjado na formação que tiveram, no próprio processo educativo e na convivência com os companheiros e com os alunos e alunas.

Independentemente do motivo que os levou, todos os que se apresentaram participaram da experiência, sem seleção, apenas pela vontade e disponibilidade e com base na formação inicial em curso de dez aulas ministrado por Paulo Freire e sua equipe do SEC, realizado no espaço da Faculdade de Direito da UFRN. Freire dava orientações gerais dos princípios que regiam a proposta e a realidade brasileira em suas contradições, dificuldades e ebulição da época. Depois dele, a professora mais lembrada pelos coordenadores entrevistados foi Aurenice Cardoso Costa tratou da prática metodológica de ensino, das etapas de todo o método e da elaboração de material audiovisual. Outros professores ministraram aulas sobre cultura e economia brasileiras e planificação do desenvolvimento.

É certo que se tornaram mais que companheiros, amigos, cúmplices, que tiveram suas vidas marcadas pela participação nesta experiência, pessoas que se colocam como aprendizes com Paulo Freire, da sua simplicidade, da sua maneira de conduzir o processo, de se relacionar com as surpresas e imprevistos, tomando-as como lição da prática para engravidar a teoria e modificá-la, mas também com os educandos com quem aprendiam sobre a vida e sobre o processo de aprendizagem.

De acordo com as narrativas dos coordenadores percebemos que o término da experiência de Angicos, e de seus desdobramentos, silenciada com a ditadura militar, gerou um sentimento de impotência vivido traduzido na canção de Chico Buarque (1968): *“Tem dias que a gente se sente, como quem partiu ou morreu, a gente estancou de repente, ou foi o mundo então que cresceu, agente quer ter voz ativa, no nosso destino mandar, mais eis que chega a roda vida e carrega a saudade prá lá”*. Constrangidos diante dos

fatos, seus destinos se separaram, alguns tornaram-se profissionais que desenvolveram suas carreiras, Marcos Guerra foi inicialmente preso e depois exilado na Bélgica, o próprio Freire também foi exilado, acusado de subversão a ordem, de incitar revoluções na população por meio da educação.

Mas, e nós do grupo? O que nos aconteceu? Fomos obrigatoriamente separados, mais que isso, orientados para nos distanciar, não nos ver, não nos falar. Seria isso possível? Até quando? Alguns companheiros foram presos, um deles, Marcos, exilado, o próprio Paulo Freire teve que deixar o País. Foi uma súbita e temerosa mudança, verdadeiro terremoto em nossos mundos. Recolhemo-nos e procuramos reorientar nossas vidas. Estudamos, concluímos os cursos escolhidos, tomamos direção, rumo, continuamos e aqui estamos, são e salvos. (SILVA, 2013)

O trabalho em Angicos terminou um ano antes do golpe militar que instalou a ditadura no Brasil em abril de 1964, mas os coautores das 40 horas continuaram atuando em seus desdobramentos (sobre os quais trataremos mais adiante). Dos entrevistados, apenas Lenira e Rosalí voltaram à Natal para sua rotina estudantil anterior. Por isso podemos dizer que, para estes coordenadores e coordenadoras, a experiência das quarenta horas terminou com um sentimento de impotência e silenciamento. Materiais utilizados por eles e pelos alfabetizados foram queimados, enterrados sem deixar qualquer vestígio, a fim de não comprometer a integridade física dos participantes. A pressão foi tão intensa que muitos desses materiais desapareceram pelas mãos dos próprios praticantes da experiência. Apenas Carlos Lyra conseguiu guardar registros do trabalho que muito depois (1996) transformou no livro “As quarenta horas de Angicos”, no qual conta que foi o irmão de sua madrastra quem emprestou o sótão de sua casa para esconder o material. Espalhou-se entre os coordenadores e coordenadoras das 40 horas, não muito diferente do que acontecera em todo o Brasil, um sentimento de impotência e resiliência, sentimento que por sinal prevaleceu mesmo com o fim do regime militar. Ainda ressabiados, os coordenadores afirmavam não lembrar-se de muita coisa, criavam verdadeiros escudos em relação a essa vivência, somente depois, com a redemocratização do país na década de 1990 do século passado é que muitas destas pessoas voltaram a se encontrar e começaram a falar a respeito do que praticaram.

Homens e mulheres da vida: alfabetizados e alfabetizadas das 40 horas da esperança

A história social do Brasil é marcada por uma relação de classes e uma cultura acentuada pelos interesses políticos e econômicos capitalistas que inferioriza grupos,

pessoas e regiões. Esse cenário é fruto em parte do processo de colonização e das formas segregadoras de formação humana imposta por este processo. Simultaneamente a essas investidas hegemônicas, muitas pessoas, grupos, regiões e comunidades foram constituindo outras formas de existência, driblando nas táticas cotidianas (CERTEAU, 2011) as imposições feitas de cima para baixo e de fora para dentro. Homens e mulheres da vida tecida na resistência e nos inusitados elaboram com muita dificuldade suas formas de ser/estar no mundo e acreditam sempre na possibilidade de dias melhores, lutam por uma vida mais digna e menos controlada pela hegemonia de um pequeno grupo político-econômico.

Os homens e mulheres da cidade de Angicos que participaram do processo de alfabetização/politização nas 40 horas, inseridos num espaço geográfico pouco privilegiado de água e, muito menos dos direitos que lhe são pertinentes constitucionalmente, no encontro com os coordenadores e os princípios da proposta de alfabetização perceberam a possibilidade de “águas”, abundância e necessidade de matar a sede de anos de repressão à sua possibilidade coletiva e crítica de pensar suas realidades. Alfabetizar-se para estas pessoas extrapolou as concepções de aprender, escola e educação formal que conheciam (GERMANO, 2012; GOMES 2012). Nunca e ninguém tinha chegado até eles, em seus lugares de alegrias, tristezas e vivências para dialogar a respeito de seus desejos e necessidades (SOUZA, 2012; SANTOS, 2012). Diferentemente do paternalismo com o qual estavam acostumados, os alunos sentiram-se respeitados em suas singularidades. Alguns até resistiam, afirmando ser impossível alfabetizar-se, era como “tirar leite de pedra” (expressão muito comum na região), mas logo percebiam que tratava-se de um diálogo entre pessoas, saberes e culturas e não um monólogo fechado, estranho e pouco útil em suas vidas. O que de fato provocou o diálogo foi necessariamente o encontro entre seres humanos diversos, favorecendo o aparecimento do que mais tarde seria chamado de “temas geradores”. Os temas não chegaram até as pessoas, e também não estavam lá, adormecidos, foram invencionados no/com o diálogo nos cotidianos. A diferença entre saberes repercutiu nos círculos de cultura e, por conseguinte na problematização de suas realidades opressoras.

Em seu discurso proferido nas comemorações alusivas ao cinquentenário das 40 horas em Angicos a Des. Valquíria lembrou-se dos versos do poema “O Analfabeto” do poeta potiguar Zé Praxedis, escrito para os educandos das 40 horas e trabalhado com eles na última aula (Lyra, 1996).

Patrãozin se assente aqui, nesta raiz de aroeira / Para ouvir a triste história de Zé Vicente Ferreira / Esta história, seu moço, é muito triste, patrão / Tem a tristeza do touro que berra cheirando o chão / No lugar que derramaram o sangue do seu irmão / E a razão dessa tristeza eu posso até lhe dizer / É porque meus olhos têm luz, mas a luz não dá pra ver / O segredo das escritas, com tanta letra bonita / Do povo que sabe ler. (PRAXEDIS *apud* SILVA, 2013)

É uma história versada em mais de vinte estrofes que os coordenadores dos círculos de cultura usaram também para chamar atenção de possíveis alunos nas ruas, praças e sítios do município de Angicos (SILVA, 2013). Com estes versos conseguiam chamar a atenção de muitos moradores porque retratavam sua vida, uma realidade bem conhecida por eles. São homens e mulheres que se percebem assim, da forma como os versos descrevem, os que hoje se orgulham de serem personagens desta história comum. Homens e mulheres unidos pela dureza do trabalho na agricultura, para o patrão e para subsistência, porém, sujeitos singulares, cada um com sua história. As nove mulheres que entrevistamos no ano passado contam sua trajetória de agricultoras, pobres, marcadas ainda mais pela condição de ser mulher no interior do Nordeste, pois além de não terem o direito de frequentar a escola pela falta dela ou pelo excesso de trabalho desde cedo, também não tinham este direito por serem mulheres. Esta condição marca especialmente uma das entrevistadas que, filha de fazendeiro, nos conta que não foi à escola por escolha da própria mãe, para não aprender a escrever para o namorado.

[...] lá tinha uma escola de uma tia minha e era num tempo que os pais não botavam as filhas para estudar, pra não aprender a ler e escrever para os namorados. (SOUZA, 2013)

Contudo, esse não se constitui um fator inusitado no processo de alfabetização de jovens e adultos, pois sabemos da herança histórica machista que fomos educados. Mas, não é o fato histórico por si só, aqui representado na fala de Maria Pequena de Souza enquanto anúncio e denúncia de uma realidade que irá inquietar o educador Paulo Freire, bem como os coordenadores e coordenadoras dos círculos de cultura, e sim, o modo como problematiza historicamente a negação do direito à vida e, neste caso, à educação. Por isso mesmo é propositor de um sistema de educação que vai abarcar todas essas conjecturas pessoais e coletivas. É dessa leitura do universo particular de cada homem/mulher singularizado que todos (idealizador, coordenadores) vão se ocupar filosófica e

pedagogicamente ao desenvolver o processo de alfabetização com pessoas jovens e adultas na cidade de Angicos em apenas 40 horas.

[...] e foram de casa em casa para fazer o levantamento do número de analfabetos, para conversar com eles, saber o que eles utilizavam no cotidiano, no dia-a-dia, as palavras mais importantes. Palavras do trabalho, da família, da cozinha, da casa [...] o interessante do método era valorização deles como pessoa (CAVALCANTE, P. e CAVALCANTE, R, 2013)

O contato direto, horizontalizado que os coordenadores mantinham com os possíveis alfabetizando em suas comunidades promovia o reencontro dos homens com sua história social, por isso, segundo Pedro e Rosali Cavalcante (2013), os educandos e educandas não se sentiam estranhos nos círculos de cultura. Percebemos no depoimento dos coordenadores acima mencionados que no levantamento do universo vocabular não se tratava de uma empiria por ela mesma, mas sim de um diálogo esperançoso que os homens e mulheres mantinham entre si e assumiam a condição de gente.

[...] ela (a professora) escrevia no quadro TI – JO – LO! PO – VO! Eu não sabia o que era povo. Eu não sabia se era povo, aprendi na escola de Paulo Freire. (GERMANO, 2012)

Essa prática dialógica vai caracterizar a relação de ensino/aprendizagem na experiência das 40 horas.

A interlocução com as alfabetizadas das quarenta horas, após 50 anos da experiência permitiu-nos compreendê-los melhor desde o lugar onde vivenciaram o movimento. São pessoas de um cotidiano muito desprovido das questões básicas de sobrevivência, tais como: atendimento público de saúde, saneamento básico, moradia digna e, tantos outros, muito importantes para a qualidade de vida. O que ainda é muito comum observarmos em suas falas é a capacidade da alegria e esperança, a utopia como pensam a vida e o mundo, com a mesma intensidade como pensaram no período da experiência. Algumas delas, com idade já bastante avançada, como é o caso de D. Idália (83 anos), demonstra uma disposição de vida e disponibilidade de participação, de fato, bastante ativa. Constatamos essa disponibilidade quando afirmam que mesmo com a idade que possuem (todas acima dos 66 anos) muitas delas realizam suas atividades sociais, como ir a missa, ao banco, outras costumam, cuidam dos serviços de casa e realçam o fato de que sempre trabalharam e pretendem continuar dirigindo suas vidas. Embora muitas das

entrevistadas atestem a continuidade dos estudos em outros níveis de ensino após as quarenta horas, a educação básica continua sendo uma realidade não alcançada.

As entrevistas completas com as alunas, disponibilizadas em nosso site do NUHMEJA, certamente apresentam outras possibilidades de interpretação e tradução, mas podemos inferir a partir da proposição deste GT 18 da 36ª Anped que o diálogo estabelecido favoreceu outras compreensões acerca da experiência, permitindo o entrecruzamento com práticas atuais de educação de jovens e adultos.

Os cotidianos pedagógicos da experiência

Há 50 anos atrás foram alfabetizadas em Angicos cerca de 300 pessoas num movimento que começou há 51 anos, com as negociações para realização da experiência e ida dos primeiros participantes a Angicos no final de 1962. Para uma rápida síntese podemos resumir os fatos dizendo que em novembro deste ano chega à cidade de Angicos um pequeno grupo de estudantes da UFRN e profissionais do SEC para fazer o levantamento do universo vocabular e divulgação da proposta de alfabetização, tendo por lá permanecido com esta tarefa até dezembro do mesmo ano, inclusive neste período, matrículas já foram realizadas. Em janeiro de 1963 o grupo completo de coordenadores de círculos de cultura participa da formação com Paulo Freire e sua equipe na Faculdade de Direito da UFRN, e retorna à cidade precisamente no dia 18 para a aula inaugural a qual seguiu-se um período de espera dos materiais e equipamentos a serem utilizados nas aulas. Segundo Lyra (1996) essa espera gerou na cidade e nos alunos um sentimento de descrença em relação à efetivação do trabalho proposto e divulgado. Porém, logo no dia 24 de janeiro houve a primeira aula, a chamada “aula de cultura” em que se discutia temas relacionados à realidade e da cultura local. Quatro dias depois, em 28 de janeiro, foi apresentada em cada círculo de cultura a primeira palavra geradora: “belota”, iniciando o processo de conhecimento e entendimento do sistema alfabético. Ao final do trabalho, em março, foram aplicados dois testes: de alfabetização e de politização. Segundo Lyra (1996), os testes foram elaborados pelos próprios coordenadores a partir de um modelo levado pelos técnicos do SEC e seus resultados alcançaram média superior a 70% de aproveitamento. Esta etapa, porém, não apareceu na memória dos participantes que entrevistamos. Em 16 de março, um sábado, foi realizada a última aula e no dia 02 de abril a cerimônia de

encerramento que contou com a presença do governador do Estado do Rio Grande do Norte, Aluísio Alves, o Presidente da República João Goulart, Paulo Freire e tantas outras autoridades.

Dessa forma, o primeiro grupo de coordenadores e coordenadoras dos círculos de cultura chegou a Angicos no final de 1962 com acompanhamento da equipe de Paulo Freire para iniciar o levantamento do universo vocabular para a seleção das palavras geradoras, primeira etapa do método, a partir das quais seria elaborado o material didático (slides, desenhos, fichas com famílias de sílabas) ao mesmo tempo em que divulgavam o projeto de alfabetização para adultos. As moças ficaram hospedadas no Colégio das Freiras e os rapazes, por serem em menor número, na casa do Padre. Neste trabalho inicial saíam pelas ruas, a pé ou com um carro de som em diversos bairros da cidade. Segundo Valquíria:

Entrávamos de casa em casa, dávamo-nos a conhecer, abraçávamos as pessoas com sinceridade, ríamos, ouvíamos e contávamos histórias, e haja conversa... Assim, fomos ganhando confiança. Sim, porque no início a desconfiança era quase que geral, porque eles mesmos diziam “de esmola grande o cego desconfia”, e vencer a resistência do caboclo desconfiado é difícil, porquanto estavam calejados de promessas, de enganações e de uma verdade que se repetia há muito tempo, que “pobre só é lembrado em época de eleição” (SILVA, 2013, p.4).

Foram identificadas cerca de 410 palavras, das quais foram escolhidas dezesseis para o trabalho nas 40 horas, tendo sido a primeira para iniciar o processo de alfabetização: belota, que denomina os enfeites das redes e dos utensílios dos vaqueiros. Antes, porém, da introdução, discussão e início da leitura e da escrita das palavras, o processo se iniciava com a problematização da leitura de mundo na “aula de cultura”, com a utilização de fichas ainda sem palavras escritas que tinham o objetivo de provocar o debate visando o entendimento de que somos todos sujeitos de cultura, todos produtores de conhecimentos.

Paralelamente às aulas, todos os dias os coordenadores e coordenadoras dos círculos se reuniam para discutir e trocar experiências. Passavam toda a manhã avaliando a aula da noite anterior, debatendo os desafios e pensando em como superá-los. As tardes eram dedicadas ao planejamento da aula da noite e neste movimento iam reinventando a teoria e o método, criando novos slides e novas formas de mediar a leitura dos alunos (CAVALCANTE, R., 2103). Em alguns desses dias de intenso trabalho e discussão tiveram a presença de Paulo Freire.

Os coordenadores entrevistados e as palestras por alguns deles proferidas são unânimes ao destacar esse momento de trabalho coletivo, tomado pelo diálogo e a reflexão sobre a prática, como fundamental para o desenvolvimento do trabalho, suas aprendizagens e aprimoramento da prática e da teoria. Neste contexto efetivava-se a tão desejada relação *teoriaprática*.⁴. Segundo Marcos Guerra:

[...] como todos nós que fomos coordenadores e alunos ao mesmo tempo nas Quarenta Horas, nós fomos os coautores das Quarenta Horas. Nós partimos de uma teoria do Paulo, nós em alguns momentos aprendemos com a teoria do Paulo, em outros momentos nossa prática questionou a teoria do Paulo, a nossa prática aperfeiçoou a teoria do Paulo, a nossa prática obrigou Paulo a rever alguns itens, não só Paulo, mas toda a equipe do centro. (GUERRA, 2013)

Paulo Freire é descrito pelos coordenadores e coordenadoras dos círculos como pessoa simples, gentil, respeitosa que se fascinava com as descobertas que eles faziam na prática e com as mudanças que estas descobertas provocavam. Os coordenadores se lembram dele como orientador, mas também aprendiz que se deixava tocar pelo processo e refletia e repensava a teoria a partir da prática realizada. Era a pessoa do diálogo, que dialogava com aqueles estudantes universitários sobre sua proposta político-filosófica e metodológica que fazia dialogar teoria e prática. Segundo Valquíria

Íamos agregando formas, ilustradas por sugestões e ocorrências que registrávamos. Nas ocasiões em que Paulo Freire nos visitava, vibrava com as nossas descobertas, vendo-nos como parceiros de sua criação. Sua alegria aumentava o nosso entusiasmo, porque ele próprio era o entusiasmo personificado e um multiplicador de amizades (SILVA, 2013, p.6)

O processo de alfabetização envolvia o princípio antropológico da humanização, embora coexistisse a relação linguística e tantas outras, contudo, o que dá-se a perceber pelos depoimentos dos alunos e coordenadores extrapola a estreita compreensão de um método de alfabetização e da dicotomização da relação hierárquica professor/aluno, ensino/aprendizagem, alfabetizado/analfabeto. Alfabetizar nesta perspectiva envolveria, segundo Freire, o diálogo que seria logo mediatizado pela palavra de cada homem encarnado no e com o mundo. “Se é dizendo a palavra com que, “pronunciando” o mundo,

⁴ O uso dessa grafia aprendida com a professora Nilda Alves expressa o entendimento de que teoria e prática são indissociáveis.

os homens o transformam, o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens”. (FREIRE, 1987, p. 79)

Nas entrevistas que realizamos com educandas das 40 horas percebemos que os princípios freireanos eram mais notados na relação pedagógica. Está muito forte na memória delas as relações estabelecidas com coordenadores e coordenadoras, a ideia de uma prática pedagógica diferente da tradicional, o diálogo, as palavras de seu universo. Embora a organização física das salas de aula não fosse necessariamente em círculos, o diálogo estava presente. Os coordenadores e coordenadoras dos círculos, orientados pelos princípios pedagógicos democratizantes e libertadores dialogavam com a realidade angicana, especialmente aquela em que os trabalhadores/as estavam diretamente imersos. É recorrente observarmos nos depoimentos das educandas e dos coordenadores que os círculos aconteciam na própria comunidade, em ambientes comuns em suas relações sociais. Essas salas de aula funcionavam em espaços cedidos em casas por moradores, entre eles, fazendeiros, em posto de saúde e na delegacia. A maior parte das nossas entrevistadas participaram do círculo no bairro Alto da Alegria.

Os momentos de trabalho anteriormente descritos eram também momentos de criação, a partir da reflexão sobre as práticas pedagógicas cotidianas desenvolvidas pelos coordenadores. Durante as aulas, ao enfrentar os desafios da prática tentando superar dificuldades do processo de alfabetização, os coordenadores e coordenadoras iam produzindo novas formas de intervenção pedagógica, que, discutidas no coletivo, eram apropriadas por todos para suas turmas. Nos seus depoimentos eles se referem: (a) produção, em papel vegetal, de novas fichas a serem projetadas para dar conta de novas palavras e discussões que iam surgindo. A produção destes novos materiais tinha a contribuição decisiva de Carlos Lyra, responsável pelos registros fotográficos do trabalho, que sempre tinha disposição e habilidade para os trabalhos manuais (CAVALCANTE, R., 2013); (b) uso da constituição brasileira nas aulas para subsidiar a discussão de questões políticas relacionadas aos direitos dos cidadãos (LIMA, 2013); (c) elaboração de cartas para outros alunos e para os políticos que viriam à solenidade de encerramento da experiência (LIMA, 2013; GERMANO, 2012); (d) a comparação entre sílabas e tijolos para facilitar a compreensão da formação das palavras de acordo com o método silábico utilizado. Em uma de suas aulas a coordenadora Dilma fez esta comparação relacionando a organização das sílabas com a disposição dos tijolos em uma construção, e das letras como meio tijolo. Este procedimento foi adotado por todos (LIMA, 2013).

Outro acontecimento destacado pelos coordenadores entrevistados foi a evasão de alunos a partir do início da época das chuvas, em março de 1963. Em uma região na qual as pessoas sobrevivem da agricultura, e sendo os alunos trabalhadores do campo, a chegada das chuvas trouxe a oportunidade de trabalho e fez com que alguns alunos preferissem “encher a barriga” a “matar a fome da cabeça”, para usar as expressões de Carlos Lyra (1996).

Ao mesmo tempo, segundo Lima (2013) muitos alunos pediram o aumento da carga horária das aulas neste momento final, inclusive por isso o horário de saída passou a ser 21:30h e não mais 21 horas e tiveram aulas aos sábados também. O pedido era motivado pela necessidade que sentiam de mais oportunidades de aprendizagem. Nas entrevistas com as alunas elas reafirmam esta necessidade, expressando sempre a vontade de que o processo tivesse maior tempo de duração.

Durante nossas conversas com elas percebemos que muito do que foi vivenciado ficou guardado em sua memória, carregadas de muitas saudades e alegrias, sentimentos que denunciam a ausência e urgência de políticas de alfabetização com essa envergadura.

Era eu, Paulo Alves (Paulo da Carroça), do Alto da Esperança, Maria Arame e, muitos outros, que agora não lembro o nome. A gente ia prá escola de caderno e lápis nas mãos... era uma festa. (MIRANDA, 2013)

Ao conversar com elas tivemos a impressão de que, para além da alfabetização, a força desta experiência está na capacidade de colocar em prática os princípios freireanos que são inovadores como relação pedagógica ainda hoje, já que não são largamente usados como orientadores das práticas pedagógicas: teoria em permanente construção em função e a serviço da prática; outra relação pedagógica, dialogada, mais horizontal; alunos, seu conhecimento e sua cultura protagonistas; educação como projeto de sociedade.

Desdobramentos da experiência

O sucesso e o reconhecimento da experiência em Angicos geraram muitas outras experiências no Rio Grande do Norte, no Brasil e no mundo afora. Os locais e os planos nacionais foram interrompidos pela ditadura instalada a partir do golpe militar de abril de 1964 e os internacionais nasceram talvez justamente por isso, em função do exílio de Paulo Freire.

No âmbito local, desde o início já estava previsto no contrato com a Secretaria Estadual de Educação do Rio Grande do Norte a realização de novas turmas de alfabetização de adultos no interior do estado (Caicó, Mossoró, Macau) e em Natal. Chegaram a concretizar-se no município de Mossoró e no bairro natalense das Quintas a partir de maio 1963 (LYRA, 1996). Esta última, talvez a menos conhecida da qual quase nenhum registro restou, deu continuidade à experiência de Angicos e teve como uma consequência prática a criação da associação de moradores das Quintas, em setembro de 1963, após o término das 40h de alfabetização. A experiência foi também organizada pelo Serviço Cooperativo de Educação do RN (SECERN) e seu setor de Alfabetização de Adultos cumprindo as mesmas etapas do processo realizado em Angicos: coordenadores de círculos estudantes universitários (muitos se apresentaram após o conhecido sucesso de Angicos); a formação dada por Paulo Freire e seu grupo de Recife; pesquisa do perfil socioeconômico e do universo vocabular; trabalho com as fichas para discutir o conceito de cultura; alfabetização através da politização; aplicação do teste de alfabetização e do teste de politização.

Além da implantação de novas turmas no estado diretamente coordenadas por Paulo Freire e sua equipe, as propostas freireanas influenciaram um outro famoso movimento de educação popular acontecido no RN, já mencionado aqui: a Campanha “De Pé no Chão Também se Aprende a Ler”. No início dos trabalhos de alfabetização de adultos na Campanha, houve uma inspiração no ideário de Freire, na tentativa de realizar um processo de aprendizagem que levasse ao questionamento e não à pura contemplação da realidade, e baseada no método de pesquisa do universo vocabular, um olhar voltado para o aluno como sujeito cognoscente. A Prof^a. Maria Diva de Lucena, vice-coordenadora da Campanha, foi à Recife fazer um curso no Movimento de Cultura Popular – MCP – para elaborar uma cartilha nos moldes daquela utilizada por este movimento para alfabetização, incorporando, por exemplo, palavras mais usadas em Natal. Havia uma inspiração freireana relacionada à pesquisa e adequação do universo vocabular, mas não era a proposta de alfabetização usada em Angicos, porque nesta não estava previsto o uso de cartilha e não se partia de fonemas.

Com a vinda de Freire para a experiência de Angicos, a influência de suas propostas na Campanha “De Pé no Chão Também se Aprende a Ler” se torna direta e mostra seu aspecto mais visível: após a formação realizada pelo próprio Paulo Freire em Natal, a fim de preparar os coordenadores e coordenadoras para o processo de

alfabetização em Angicos, foram criados círculos de cultura da Campanha nos bairros das Rocas e Nova Descoberta em 1963. Esses círculos de cultura contemplavam cerca de trinta alunos cada um, com faixa etária acima de trinta anos de idade e funcionavam de segunda à sexta no período noturno com sessões de, aproximadamente, uma hora. O Prof. Josemá Azevedo que participou da formação ministrada por Paulo Freire e coordenou o trabalho dos círculos de cultura em Natal nos contou:

[...] na realidade a gente chamava de círculo de cultura porque não era aula propriamente assim de alfabetização, era uma coisa mais ampla né, onde agente discutia alguns temas. Claro que a gente tinha a parte de aprendizagem da língua propriamente dita, da alfabetização, da escrita etc, mas tinha aquelas outras atividades. (AZEVEDO, 2011).

Em nível nacional são conhecidas experiências realizadas ou apenas iniciadas em Sergipe, Brasília e Rio de Janeiro. Paulo Freire foi convidado para integrar a equipe do MEC e desenvolver o Plano Nacional de Alfabetização aprovado em janeiro de 1964. Antes mesmo desta aprovação, ainda em caráter experimental, foram implantados círculos de cultura em cidades satélites de Brasília, para os quais foram elaborados novos materiais e slides com outras palavras geradoras. Segundo Fávero (2000), o Plano Nacional começaria a ser colocado em prática na Baixada Fluminense e a primeira etapa do método (pesquisa) foi efetivada ainda no final de 1963, porém o trabalho dos círculos não foi iniciado, já que o regime militar tomou o poder antes e teve como um dos seus primeiros atos a extinção do Plano.

No caso de Sergipe, uma pequena parte do grupo que foi a Angicos iniciou em março de 1964 o trabalho de aproximação com a comunidade e levantamento do universo vocabular a convite de D. Nivaldo Monte que era de Natal e estava como bispo auxiliar em Aracaju. Numa manhã foram surpreendidos com a notícia de que “a revolução estava na rua” (CAVALCANTE, P., 2013), e que deviam ir embora.

Em seu discurso na Câmara de Vereadores de Angicos Valquíria Félix mencionou palavras de Paulo Freire em uma entrevista de 1993 que talvez resuma o alcance e a importância dessa experiência para ele mesmo e para o mundo: “Angicos não mudou o mundo, mas marcou. No futuro próximo, Angicos será compreendido como o ponto de transformação da educação brasileira. Aqui vivi meu aprendizado da relação teoria e prática que mudaria a minha trajetória profissional” (FREIRE, 1993 apud SILVA, 2013, p.9).

Para fechar esta nossa contribuição ao debate sobre esta experiência educativa que encanta e intriga até hoje, e pensando no que nos interpela como Núcleo , cremos que as palavras aqui enunciadas encontram as vozes de muitos outros pesquisadores e pesquisadoras, educadores e educadoras, que de um modo ou de outro, tentaram, assim como nós, aproximarem-se das 40 horas de Angicos e com elas aprender e problematizar o seu saber e o seu fazer. Voltar mais uma vez a experiência 50 anos depois pode imprimir nos tempos atuais as marcas daquele vivido que suscitam outras leituras, fazeres, querereres, olhares e dizeres educativos.

O NUHMEJA tem desenvolvido suas pesquisas engravidando-se das memórias dos alunos das 40 horas e disponibilizando no site: www.nuhmeja.com situações, depoimentos, fotos, vídeos, documentos que, ainda hoje continuam anunciando modos de educar, propostas pedagógicas pensadas com e para o povo. Essa é, portanto, nossa intenção neste evento, que reúne pesquisadores, estudiosos de todo o Norte e Nordeste deste país: dizer de uma experiência genuinamente tecida no Nordeste brasileiro. 50 anos de Angicos é sem dúvida uma memória presente, que pode contribuir com o estatuto epistemológico, político, pedagógico da Educação de Jovens e Adultos e da Educação Popular.

Referências bibliográficas:

- AZEVÊDO, Alessandro A. *50 anos de Angicos e desafios atuais*. [mensagem pessoal recebida por <marisamns@gmail.com> em 30/06/2013]. Natal, 2013.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é método Paulo Freire*. 10 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- BUARQUE DE HOLLANDA, Chico. Roda Viva. In _____. *Chico Buarque de Hollanda - Volume 3*. São Paulo: RGE, 1968. LP. Faixa 6.
- COUTO, Mia. *Cada homem é uma raça: contos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013
- FÁVERO, Osmar. *Paulo Freire: primeiros tempos*. In, VENTORIM, Silvana; PIRES, Marlene de Fátima; OLIVEIRA, Edna de Castro (orgs). *Paulo Freire: a práxis político-pedagógica do educador*. Vitória, ES: Ed. UFES, 2000. p.159-179.
- FREIRE, Paulo. Educação, o sonho possível. In BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.) *O educador, vida e morte*. 12 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982.
- _____. *Pedagogia do Oprimido*. 32 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987
- GIZNSBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GUERRA, Marcos J. C. As 40 Horas de Angicos: vítimas da guerra fria? Palestra proferida na Universidade Federal Rural do Semiárido, em 02 de abril de 2013.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Laurent León Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

LOBO, Luiz. *As quarenta horas de Angicos*. Roteiro do filme. Serviço Cooperativo de Educação do Rio Grande do Norte. Natal, 1963.

LUCENA, Jardelino de. Doutrina Social da Igreja. Palestra proferida na Livraria Paulus – Natal, em 25 de agosto de 2012.

LYRA, Carlos. *As quarenta horas de Angicos: uma experiência pioneira de educação*. São Paulo: Cortez, 1996.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Tradução Eloá Jacobina. 17 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

SILVA, Valquíria Félix da. Discurso de agradecimento como representante dos coordenares de círculos de cultura nas “40 horas de Angicos”. Angicos – RN, 03 de abril de 2013. Disponível em <http://nuhmeja.ce.ufrn.br/nuhmeja/>.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado – História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Entrevistas:

DILMA FERREIRA LIMA. Entrevista. Natal, 10 jul. 2013.

FRANCISCA DE FRANÇA GERMANO. Entrevista. Angicos, 25 set.2012.

FRANCISCO ALVES DA COSTA SOBRINHO. Entrevista. Natal, 12 mar. 2013.

IDÁLIA MARROCOS DA SILVA. Entrevista. Angicos, 25 set.2012.

JOSEMÁ AZEVEDO. Entrevista. Natal, 09 set. 2011.

LENIRA LEITE MATOS COSTA. Entrevista. Natal, 13 jun. 2013.

LUZIA DE ANDRADE. Entrevista. Angicos, 25 set.2012.

MARIA ENEIDE DE ARAÚJO MELO. Entrevista. Angicos, 25 set.2012.

MARIA LUZIA DA SILVA ANDRADE. Entrevista. Angicos, 25 set.2012.

MARIA MIRANDA GOMES. Entrevista. Angicos, 25 set.2012.

MARIA PEQUENA DE SOUZA. Entrevista. Angicos, 25 set.2012.

PEDRO NEVES CAVALCANTE. Entrevista. Natal, 17 jun. 2013.

ROSALÍ MARIA LIBERATO CAVALCANTE. Entrevista. Natal, 17 jun. 2013.

VALDICE IVONETE DA COSTA SANTOS. Entrevista. Angicos, 25 set.2012.

ZÉLIA IRENE DA SILVA. Entrevista. Angicos, 25 set.2012.